

Relatório Técnico

Outubro de 2021



DESIGUALDADES DE GÊNERO DOS OCUPADOS COM ATIVIDADES LIGADAS À AGRICULTURA NO RS



Departamento de Economia e Estatística | DEE/SPGG

Pesquisadores: Daiane Boelhouwer Menezes
Mariana Lisboa Pessôa
Henrique Souza da Silva

dee.rs.gov.br

GOV RS
NOVAS FAÇANHAS
NO PLANEJAMENTO,
GOVERNANÇA E GESTÃO

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão
Departamento de Economia e Estatística

**Desigualdades de gênero dos ocupados com
atividades ligadas à agricultura no RS**
Relatório Técnico

Daiane Boelhouver Menezes
Mariana Lisboa Pessôa
Henrique Souza da Silva

Porto Alegre, outubro de 2021



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Ranolfo Vieira Júnior

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO

Secretário: Claudio Gastal

Secretária Adjunta: Izabel Matte

SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO

Subsecretário: Antonio Cargin

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Vanessa Neumann Sulzbach

Divisão de Análise de Políticas Sociais: Daiane Boelhouver Menezes

Divisão de Dados e Indicadores: Bruno Paim

Divisão de Estudos de Atividades Produtivas: Rodrigo Daniel Feix

Daiane Boelhouver Menezes é Doutora em Ciências Sociais e Analista Pesquisadora em Economia na Divisão de Análise de Políticas Sociais do Departamento de Economia e Estatística da SPGG.

E-mail: daiane-menezes@planejamento.rs.gov.br

Mariana Lisboa Pessoa é Mestre em Planejamento Urbano e Regional e Analista Pesquisadora em Geografia na Divisão de Análise de Políticas Sociais do Departamento de Economia e Estatística da SPGG.

E-mail: mariana-pessoa@planejamento.rs.gov.br

Henrique Souza da Silva é graduando em Ciências Sociais pela UFRGS e estagiário na Divisão de Análise de Políticas Sociais do Departamento de Economia e Estatística da SPGG.

E-mail: dasilva.s.henrique@gmail.com

M543p Menezes, Daiane Boelhouver.
Desigualdades de gênero dos ocupados com atividades ligadas à agricultura no RS / Daiane Boelhouver Menezes, Mariana Lisboa Pessoa, Henrique Souza da Silva. - Porto Alegre : Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão, 2021.
35 p. : il.

Relatório Técnico.

1. Trabalhador rural – Rio Grande do Sul. 2. Igualdade de gênero – Rio Grande do Sul. 3. Mulher na agricultura. I. Pessoa, Mariana Lisboa. II. Silva, Henrique Souza da. III. Título. IV. Rio Grande do Sul. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística.

CDU 331-058.243.4(816.5)

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer — CRB 10/2016

Revisão técnica: Livio Luiz Soares de Oliveira e Rodrigo Daniel Feix

Normalização bibliográfica: Katia Midori Hiwatashi

Revisão de Língua Portuguesa e editoração: Susana Kerschner

Projeto gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

Foto da capa: Alina Souza (Especial Palácio Piratini)

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO:

MENEZES, D. B.; PESSÔA, M. L.; SILVA, H. S. da. **Desigualdades de gênero dos ocupados com atividades ligadas à agricultura no RS**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2021. (Relatório Técnico).

Resumo

Este relatório apresenta dados sobre a desigualdade de gênero no âmbito rural, trazendo informações relativas às ocupações ligadas à agricultura em comparação com o Rio Grande do Sul como um todo e relativas aos empreendimentos rurais do RS frente ao Brasil. Foram utilizados dados provenientes do Censo Agropecuário, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do Cadastro Único (CadÚnico), da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Observou-se que a população ocupada na agricultura é majoritariamente masculina — cerca de 70% —, enquanto, no total do Estado, os homens representam pouco menos da metade (49%). Isso se reflete também na chefia dos estabelecimentos rurais, onde apenas cerca de 20% são chefiados por mulheres no Brasil como um todo e 12% no Estado. Há menor concentração de pobreza entre os ocupados nas atividades agrícolas do que entre os do total do Estado. No CadÚnico, há maior concentração de mulheres entre as mais pobres. Na seção sobre saúde, registrou-se que pessoas do RS como um todo afirmaram ter um estado de saúde em condições muito boas, superior ao observado no grupo total de atividades agrícolas, sendo a diferença maior entre as mulheres. As mulheres com profissão ligada ao campo foram as que mais responderam que se sentem deprimidas “mais da metade dos dias” da semana e também as que mais declararam ter pensamentos suicidas com mais frequência, ao se comparar à categoria geral. Sobre o acesso a serviços de saúde, as pessoas com ocupações relacionadas à agricultura possuem menor cobertura de planos de saúde se comparadas ao geral do Estado, em especial as mulheres rurais. Foi registrado que as mulheres sofrem mais agressões verbais do que homens, sendo que as mulheres das ocupações selecionadas sofrem ainda mais do que as mulheres do RS em geral. Sobre violência física, não houve relato de ocorrência entre as mulheres rurais, e, no que diz respeito à violência sexual, cerca de 5% das mulheres com atividades rurais e de todo o Estado afirmaram que alguma vez na vida tinham sido vítimas de abuso sexual. No que tange ao acesso à tecnologia, o celular é praticamente generalizado, e, apesar de o acesso à *internet* ser majoritário, a sua ausência é realidade para quase o dobro de pessoas ocupadas nas atividades relacionadas à agricultura, ao se comparar com o total do Estado, tendo as mulheres um pouco mais de acesso do que os homens. Em relação à representação política, houve registro de queda do percentual de sucesso entre os candidatos relacionados à agricultura, sendo as agricultoras mais atingidas por esse processo.

Palavras-chave: ocupações relacionadas à agricultura; mulheres rurais; desigualdades de gênero; Rio Grande do Sul

Sumário

1	Introdução	5
2	População	6
2.1	Dados da PNAD Contínua Anual (2019)	6
2.1.1	Distribuição etária	7
2.1.2	Distribuição por raça/cor	8
2.2	Dados do Censo Agropecuário (2017)	9
2.2.1	Distribuição etária	9
2.2.1	Distribuição por raça/cor	10
3	Escolaridade	11
3.1	Dados da PNAD Contínua Anual (2019)	11
3.2	Dados do Censo Agropecuário (2017)	12
4	Renda	15
5	Saúde	16
5.1	Avaliação geral	16
5.2	Saúde mental	16
5.3	Acesso a serviços de saúde	18
6	Violência	21
6.1	Violência verbal	21
6.2	Violência física	22
6.3	Violência sexual	23
7	Acesso à tecnologia	24
8	Representação política	26
9	Pobreza	27
9.1	Distribuição etária	28
9.2	Distribuição por raça/cor	29
9.3	Distribuição por escolaridade	30
9.4	Distribuição por faixa de renda	31
9.5	Beneficiários do Bolsa Família	32
	Referências	34

1 Introdução

Este levantamento de dados sobre desigualdade de gênero no âmbito rural traz informações relativas às ocupações ligadas à agricultura em comparação com o Rio Grande do Sul como um todo e relativas aos empreendimentos rurais do RS frente ao Brasil. São dados que dizem respeito à população, à renda, à educação, ao acesso a tecnologias, à saúde, à violência, à representação política e à pobreza.

Trata-se de informações provindas de diferentes fontes, como o Censo Agropecuário, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o Cadastro Único (CadÚnico), a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Esses dados ajudam a compor um panorama para a compreensão da situação das mulheres e dos homens que vivem de atividades rurais, como agricultura, pecuária, pesca artesanal etc., além de indígenas e quilombolas residentes na zona rural.

2 População

Duas bases de dados principais permitem uma aproximação da população relacionada às atividades rurais: a PNAD Contínua, pesquisa amostral que fornece informações sobre a população do Rio Grande do Sul, da Região Metropolitana de Porto Alegre e da Capital; e o Censo Agropecuário, focado em propriedades rurais, que permite obter dados por município, porém somente com os dados específicos dos proprietários ou seus cônjuges e não de todos os envolvidos nas ocupações dessas propriedades.

2.1 Dados da PNAD Contínua Anual (2019)

Segundo a PNAD Contínua Anual de 2019 (IBGE, 2020b), no RS, havia quase 500 mil pessoas ocupadas com atividades relacionadas à agricultura, à criação de animais (gado, aves, abelhas, etc.), aos trabalhos florestais e à pesca, sendo a maioria delas (2,5% dos trabalhadores gaúchos) agricultores, seguidos dos criadores de gado (1,3%), como pode ser conferido na Tabela 1.

Tabela 1

Ocupados nos setores ligados à agropecuária no Rio Grande do Sul — 2019

SETORES	FREQUÊNCIA	PORCENTAGEM DA POPULAÇÃO GAÚCHA
Agricultores e trabalhadores qualificados em atividades da agricultura (exclui-ve hortas, viveiros e jardins)	286.356	2,5
Agricultores e trabalhadores qualificados no cultivo de hortas, viveiros e jardins	36.035	0,3
Agricultores e trabalhadores qualificados de cultivos mistos	2.552	0,0
Criadores de gado e trabalhadores qualificados da criação de gado	144.689	1,3
Avicultores e trabalhadores qualificados da avicultura	10.824	0,1
Apicultores, sericultores e trabalhadores qualificados da apicultura e sericultura	2.441	0,0
Produtores e trabalhadores qualificados de exploração agropecuária mista	1.473	0,0
Trabalhadores florestais qualificados e afins	7.790	0,1
Pescadores	5.980	0,1
TOTAL	498.140	4,4

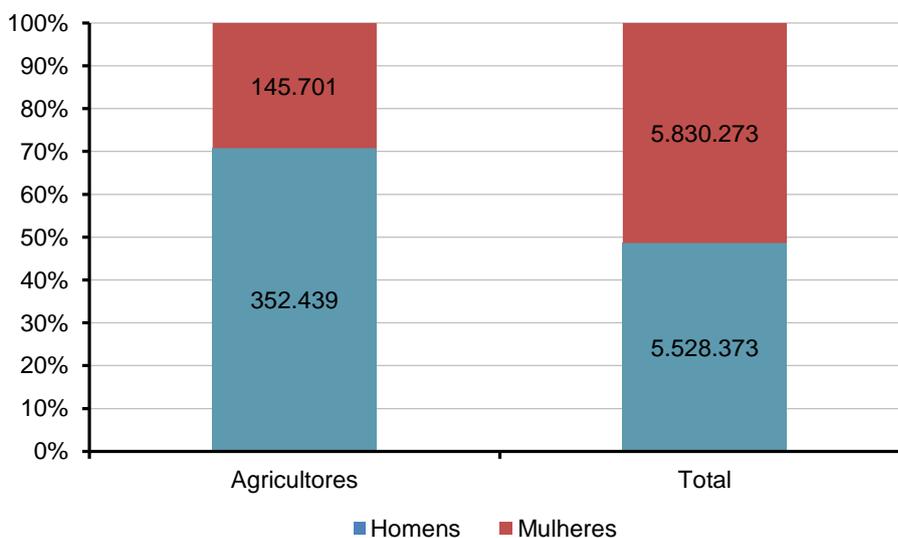
Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

Nota: Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

O Gráfico 1 mostra que a população ocupada com a agricultura é predominantemente masculina (71%), ao passo que, no total do Estado, os homens representam pouco menos da metade (49%).

Gráfico 1

Percentual de ocupados, por sexo, nos setores ligados à agropecuária e no total do Rio Grande do Sul — 2019



Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

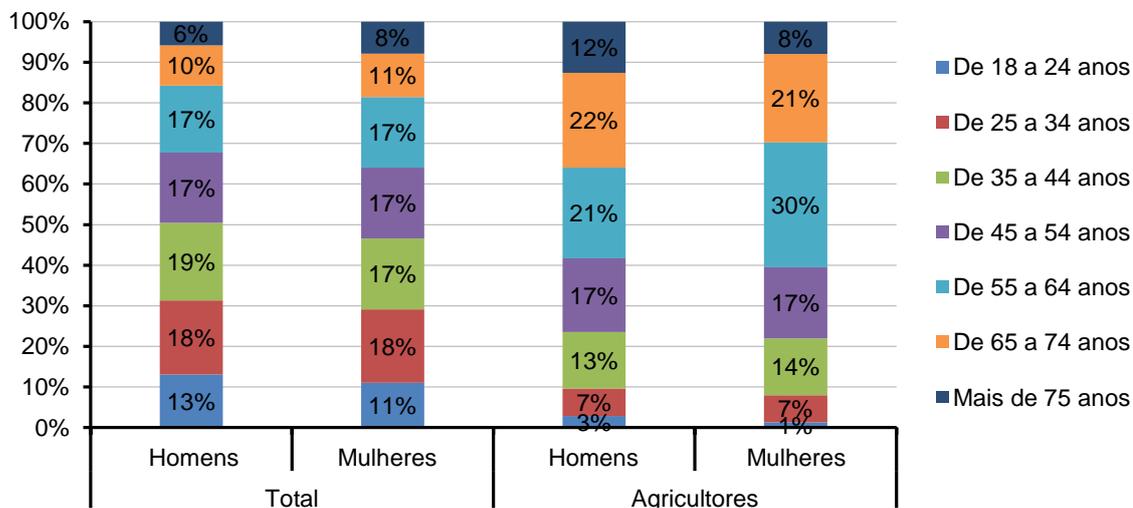
Nota: Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

2.1.1 Distribuição etária

Os ocupados nas atividades ligadas à agricultura estão mais concentrados nas faixas etárias maiores, comparativamente à população total do Rio Grande do Sul (Gráfico 2). Destaca-se a concentração de agricultoras entre 55 e 64 anos e de agricultores com mais de 75 anos. Embora as mulheres tenham expectativa de vida maior, parecem reduzir a sua participação nas atividades relacionadas à agricultura quando ficam mais velhas ou, possivelmente, viúvas.

Gráfico 2

Percentual de ocupados maiores de 18 anos, por sexo e faixa etária, nos setores ligados à agricultura e no total do Rio Grande do Sul — 2019



Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

Nota: Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

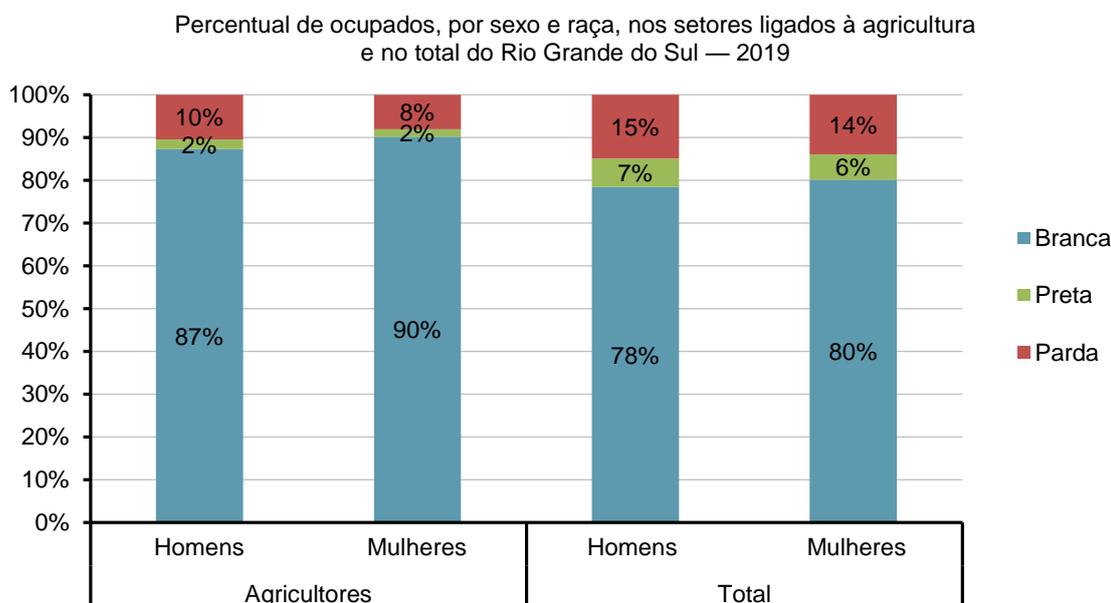
2.1.2 Distribuição por raça/cor

Na distribuição por raça dos Gráficos 3 e 4, indígenas e amarelos foram excluídos porque não alcançam 0,15% daqueles ocupados na agricultura segundo a PNAD Contínua.

Tanto entre os homens como entre as mulheres vinculados às atividades selecionadas, os brancos predominam, respondendo por 87% e 90% respectivamente (Gráfico 3). Entre os homens, há 10% de pardos, e, entre as mulheres, 8%. Em ambos os sexos, os pretos correspondem a 2%.

No total do Estado, há cerca de 10 pontos percentuais a menos de brancos comparativamente às ocupações relacionadas à agricultura, mais do que o dobro de pretos, 50% a mais de pardos entre os homens e 75% a mais do que as mulheres. Logo, as atividades ligadas à agricultura têm uma concentração de brancos ainda maior do que no Estado como um todo.

Gráfico 3



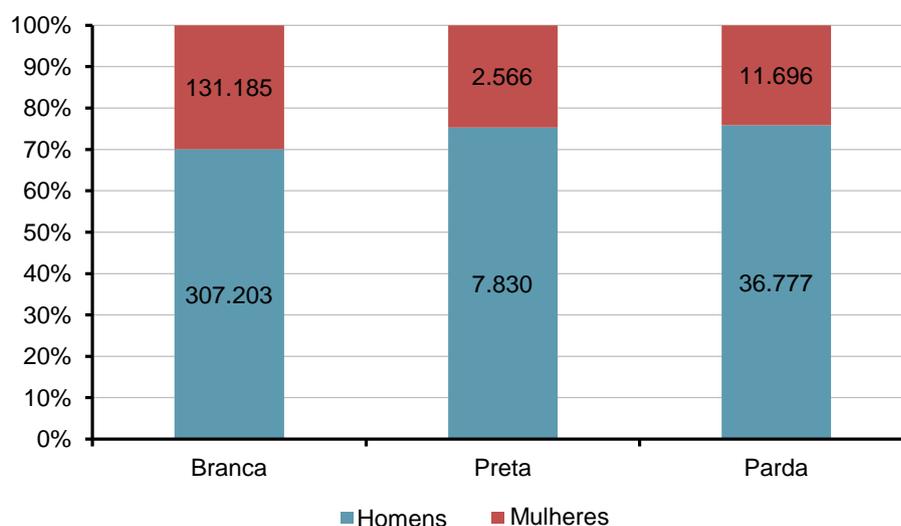
Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

Nota: Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

O Gráfico 4 deixa clara a predominância dos homens em todas as raças, sobretudo entre pardos (76%) e pretos (75%) — os brancos são 70%.

Gráfico 4

Ocupados, por raça e sexo, nos setores ligados à agricultura, no Rio Grande do Sul — 2019



Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

Nota: Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

2.2 Dados do Censo Agropecuário (2017)

No que diz respeito aos dados do Censo Agropecuário, no Brasil, o percentual de estabelecimentos rurais vinculados à agricultura familiar é de 76,8%. Já no RS, dos 365.094 estabelecimentos rurais existentes, 293.892 correspondem à agricultura familiar, ou 80,5% do total.

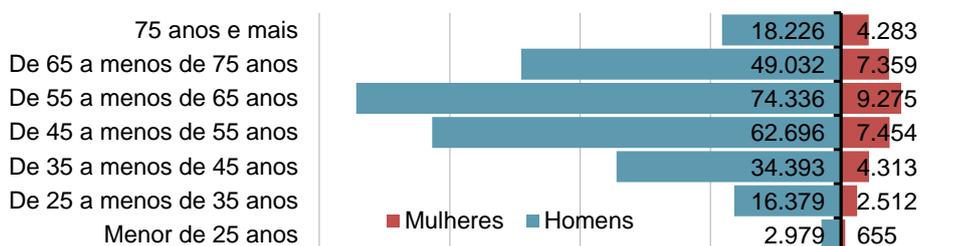
Se, no Brasil, 19,7% dos 3.897.408 estabelecimentos rurais vinculados à agricultura familiar são chefiados por mulheres, no RS esse percentual é ainda menor, apenas 12,2%, ou 35.851 dos 293.892 estabelecimentos.

2.2.1 Distribuição etária

Quanto à estrutura etária dos produtores dirigentes da agricultura familiar, no RS, a faixa etária com maior contingente populacional, tanto entre os homens como entre as mulheres, é entre 45 e 75 anos: entre os homens, 72,1% estão nessa faixa, e, entre as mulheres, 67,2%. Já no Brasil, a concentração dos maiores percentuais ocorre entre os 35 e os 75 anos. Isso significa que, no Brasil, a idade média é menor, com maior participação de pessoas da faixa dos 35 aos 45 anos entre os responsáveis pelo estabelecimento.

Gráfico 5

Pirâmide etária dos produtores dirigentes dos estabelecimentos da agricultura familiar no Rio Grande do Sul — 2017



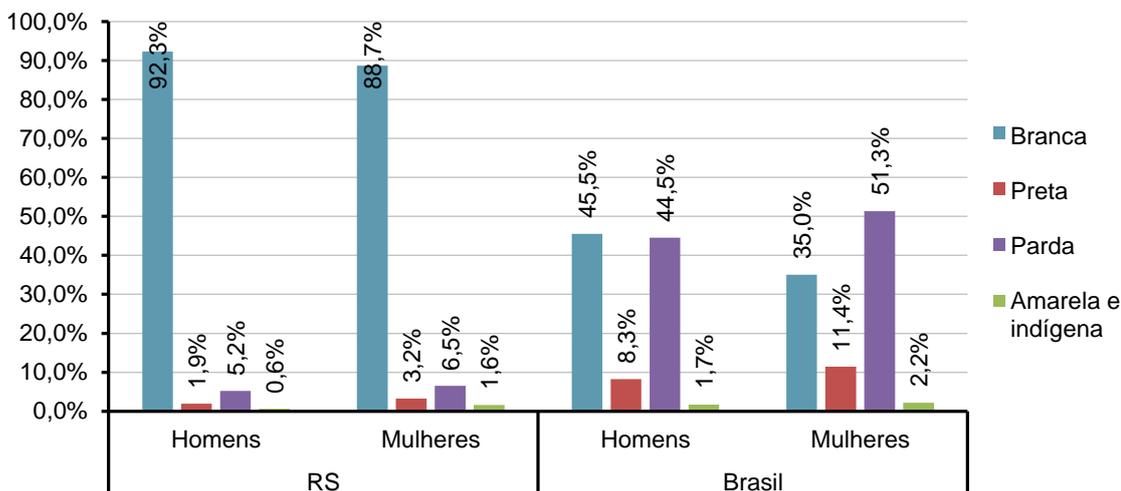
Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

2.2.1 Distribuição por raça/cor

A composição racial dos produtores rurais da agricultura familiar difere bastante quando se compara o Brasil e o RS. O percentual elevado de brancos na agricultura familiar do RS é reflexo da estrutura racial de sua população¹, pelo fato de que a maioria dos estabelecimentos vinculados à agricultura familiar está localizada em municípios com predominância de colonização por imigrantes de origem europeia — principalmente italiana, alemã e polonesa. Entre as agricultoras familiares, no País, o percentual de brancas é de 35%, enquanto, no RS, elas representam 88,7%. Já entre os homens, são brancos 45,5% no Brasil contra 92,3% no RS.

Gráfico 6

Percentual de produtores dirigentes dos estabelecimentos da agricultura familiar, por sexo e raça, no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2017



Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

¹ De acordo com o último Censo Demográfico (2010), os brancos correspondem a 83,2% da população do RS, enquanto, no País, esse percentual é de 47,7%. Na população rural, esses percentuais são de 85,5% no RS e 36,3% no Brasil.

3 Escolaridade

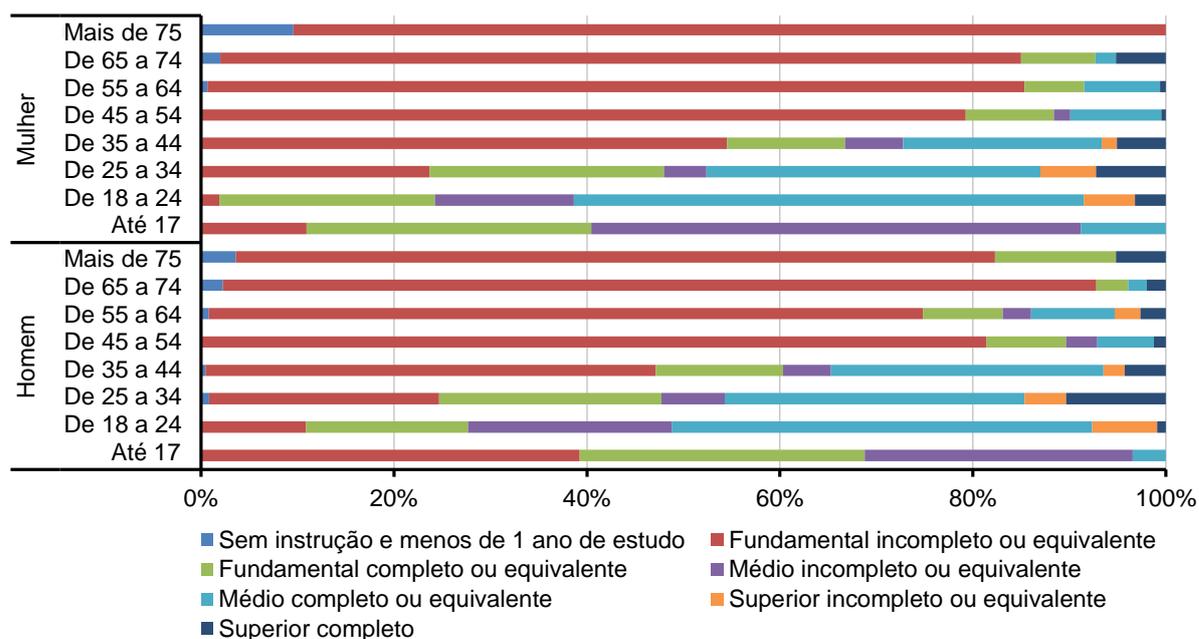
3.1 Dados da PNAD Contínua Anual (2019)

No Rio Grande do Sul, os mais jovens ocupados no campo apresentam maior escolaridade do que os mais velhos, faixa na qual predomina o ensino fundamental incompleto (Gráfico 7). Há diferença também entre os sexos, sendo as mulheres mais jovens mais escolarizadas dos que os homens, o que não se aplica para as mulheres mais velhas.

No Estado como um todo (Gráfico 8), há menor predomínio do ensino fundamental incompleto, havendo maior proporção de pessoas com ensino médio completo e ensino fundamental completo. O acesso à educação para as pessoas que moram afastadas de zonas urbanas pode ser bem mais complexo, especialmente no que diz respeito às etapas de ensino mais avançadas.

Gráfico 7

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura, por sexo, faixa etária e escolaridade, no RS — 2019

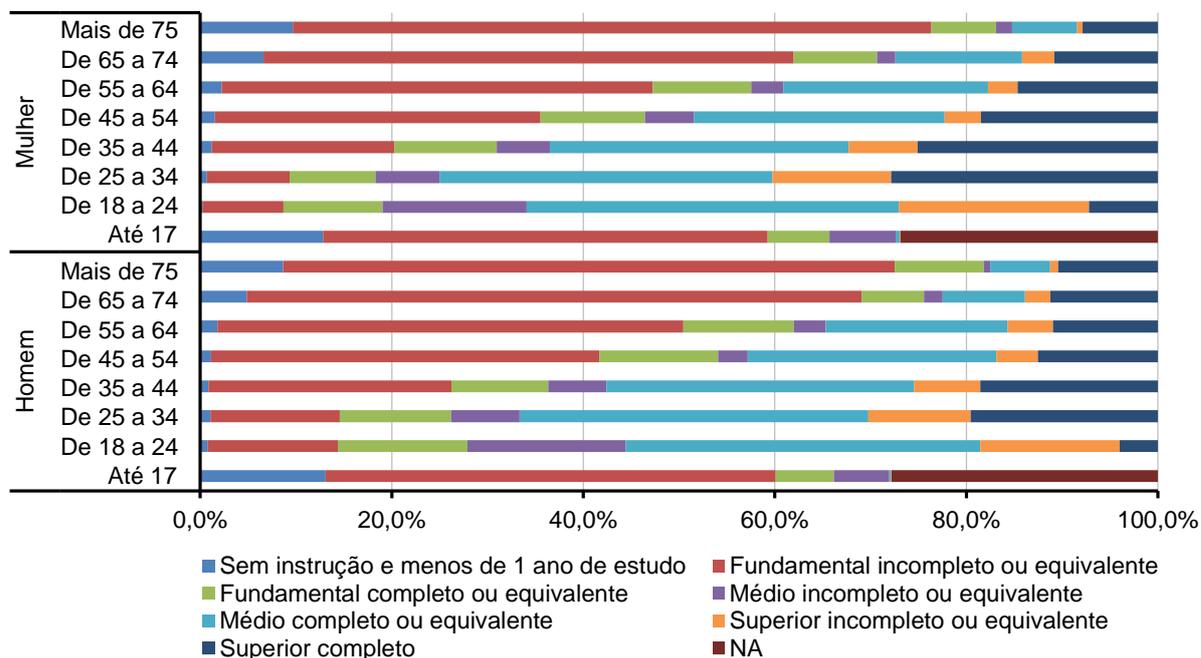


Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

Nota: Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

Gráfico 8

Distribuição da população, por sexo, faixa etária e escolaridade, no Rio Grande do Sul — 2019



Fonte dos dados brutos: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).

Nota: 1. Dados anuais consolidados das primeiras entrevistas da Pesquisa.

2. A categoria NA significa não se aplica e se trata de crianças que ainda não estão em fase escolar.

3.2 Dados do Censo Agropecuário (2017)

O percentual de produtores da agricultura familiar que nunca frequentaram a escola apresenta uma diferença significativa ao se comparar o Brasil e o RS. No País, esse percentual é de 17,9%, ao passo que, no RS, é de 3,6%. Entre os homens e as mulheres, essa diferença mantém-se na mesma proporção: enquanto, no Brasil, 17,6% dos homens e 19,3% das mulheres nunca frequentaram a escola, no RS esses percentuais são de 3,3% e 5,7% respectivamente.

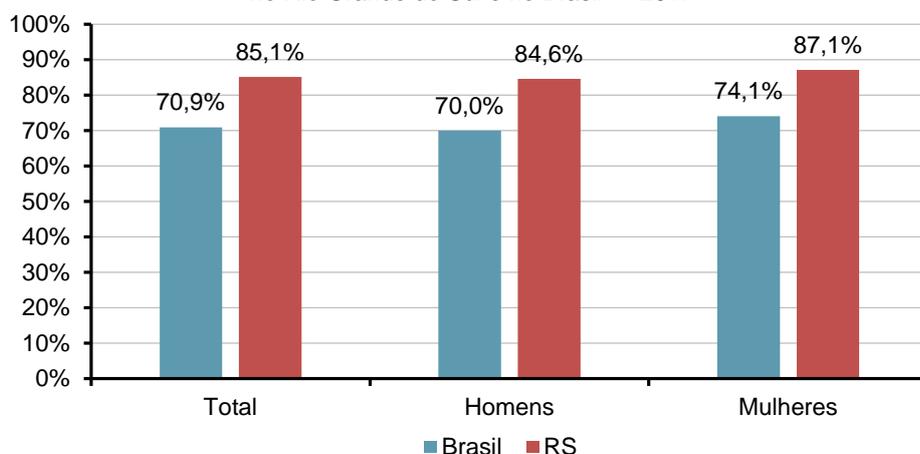
Essa parcela da população é significativamente maior entre as faixas etárias mais avançadas (Gráfico 9): no Brasil, 70,9% dos que possuem acima de 55 anos, e, no RS, esse percentual é de 85,1%. Entre os homens esse percentual é de 70% no Brasil e 84,6% no RS, e, entre as mulheres, é de 74,1% no Brasil e de 87,1% no RS².

Entre os brancos, no RS, 2,9% dos produtores nunca frequentaram a escola, enquanto, entre os não brancos, esses percentuais variam de 7% (amarelos) a 16,1% (indígenas) — pretos são 4,2%, e pardos são 9,4%. Entre os homens brancos, 2,7% nunca frequentaram a escola. Entre os não brancos, os percentuais são de 5,9% para os amarelos, 8,8% para os pardos, 14,2% para os pretos e 13,6% para os indígenas. Já entre as mulheres que nunca frequentaram a escola, 4,6% são brancas, 13,3% são pardas, 14,6% são pretas, 15,1% são amarelas, e 21,3% são indígenas.

² Talvez a diferença entre o Brasil e o Rio Grande do Sul diminua nos maiores de 55 anos porque o Estado tem concentração maior de idosos comparativamente ao País.

Gráfico 9

Percentual de produtores dirigentes dos estabelecimentos da agricultura familiar com mais de 55 anos que nunca frequentaram a escola, por sexo e total, no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2017



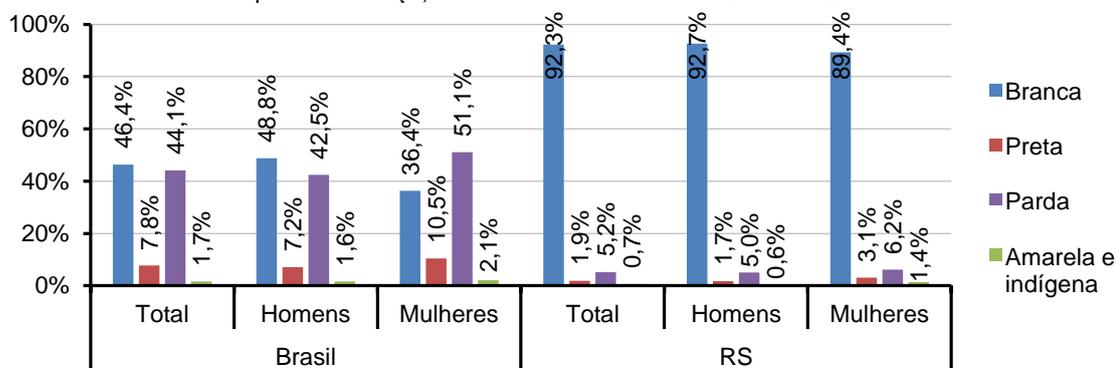
Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

Com relação aos níveis básicos de escolaridade — ensino fundamental e médio, EJA e seus correspondentes —, o percentual de produtores rurais com essa formação é de 79,3% no Brasil e de 93,3% no RS. Entre os homens, esse percentual é de 79,8% no Brasil e de 93,8% no RS, e, entre as mulheres, é de 77,1% e 89,3% no Brasil e no RS, respectivamente.

Entre os produtores com esse nível de escolaridade, no Brasil, 46,4% são brancos, 44,1% são pardos, 7,8% são pretos, e 1,7% são amarelos ou indígenas (Gráfico 10). No RS, 92,3% dos que possuem nível básico são brancos, 5,7% são pardos, 1,9% são pretos e 0,7% são amarelos ou indígenas. Entre os homens, 48,8% e 92,7% dos que possuem nível básico são brancos no Brasil e no RS, respectivamente, e, entre as mulheres, esses percentuais são de 36,4% e 89,4%. Os dados para o Estado são relativamente proporcionais à distribuição dos chefes por raça (Gráfico 6).

Gráfico 10

Percentual de chefes dos estabelecimentos da agricultura familiar com nível básico de ensino, por sexo e raça, no Rio Grande do Sul e no Brasil — 2017



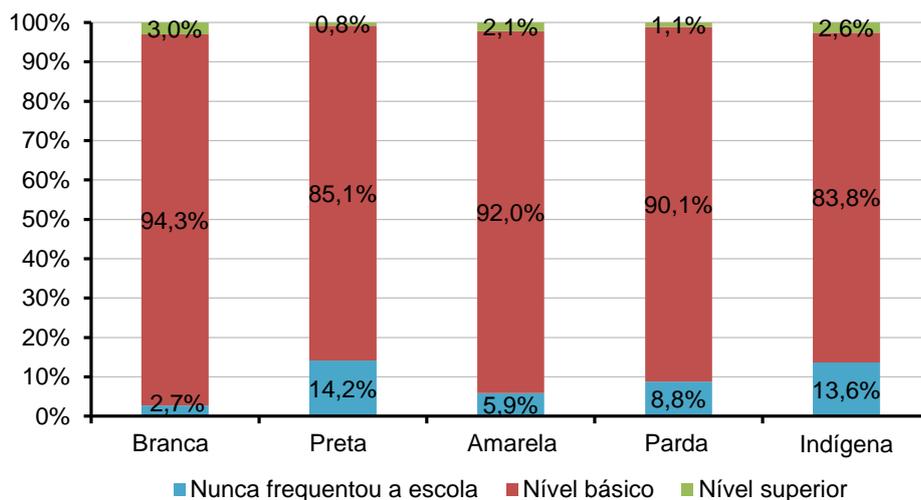
Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

Nota: Nível básico de escolaridade engloba as categorias: classe de alfabetização (CA); alfabetização de jovens e adultos (AJA); antigo primário (elementar); antigo ginasial (médio 1.º ciclo); regular do ensino fundamental ou 1.º grau; educação de jovens e adultos (EJA) e supletivo do ensino fundamental ou do 1.º grau; antigo científico, clássico, etc. (médio 2.º ciclo); regular de ensino médio ou 2.º grau; técnico de ensino médio ou do 2.º grau; e educação de jovens e adultos (EJA) e supletivo do ensino médio ou do 2.º grau.

Pode-se perceber que, entre os produtores da agricultura familiar, tanto no Brasil quanto no RS, o nível de ensino predominante é o nível básico, que, embora englobe uma gama bastante grande de categorias, indica algum tipo de educação formal. O percentual de produtores sem acesso à escola, no RS, é maior entre os não brancos (Gráfico 11).

Gráfico 11

Percentual de homens chefes dos estabelecimentos da agricultura familiar, por escolaridade e raça, no Rio Grande do Sul — 2017

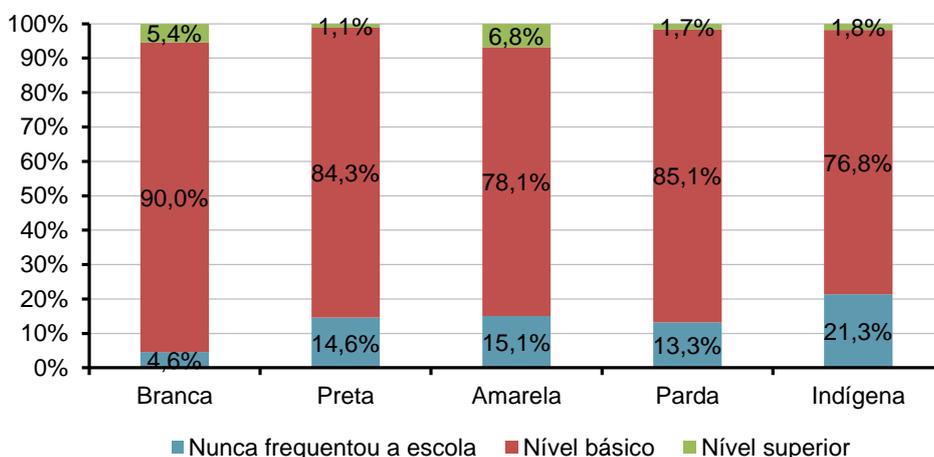


Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

Há maior proporção de mulheres que nunca frequentaram a escola em relação aos homens no RS (à exceção do caso dos pretos, no qual são muito semelhantes os percentuais em ambos os sexos), assim como há maior proporção de mulheres com nível superior — à exceção dos indígenas (Gráfico 12). As brancas têm, em média, maior escolaridade do que as não brancas, diferença que é ainda mais acentuada no País.

Gráfico 12

Percentual de mulheres chefes dos estabelecimentos da agricultura familiar, por escolaridade e raça, no Rio Grande do Sul — 2017

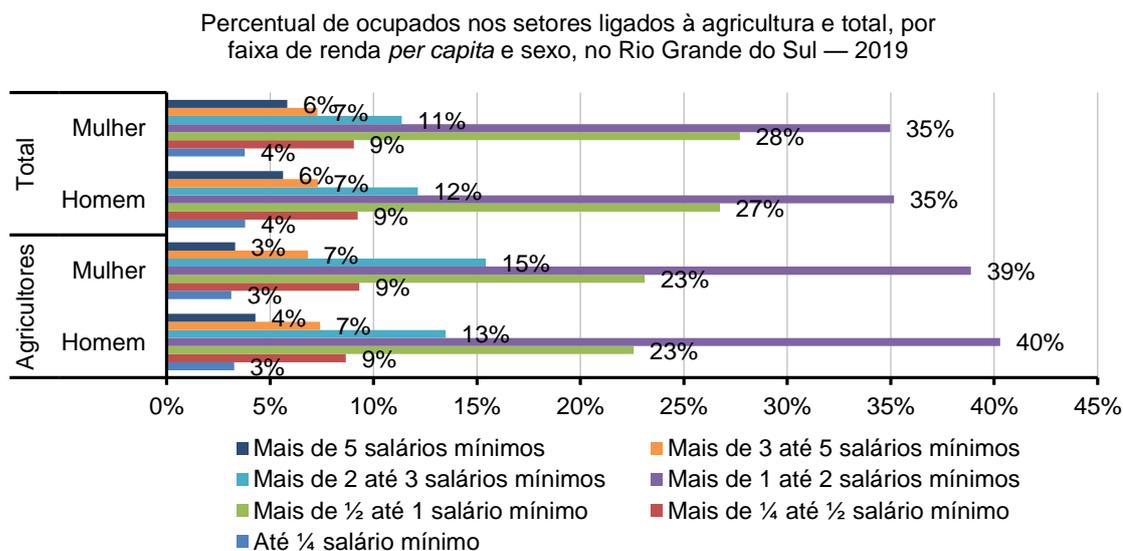


Fonte: Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

4 Renda

No que diz respeito à renda *per capita*, nos dados consolidados da PNAD Anual de 2019, percebe-se que há menor concentração de pobreza entre os ocupados nas atividades agrícolas do que entre o total do Rio Grande do Sul. Isso se dá até a faixa de um salário mínimo *per capita*. De outro lado, há menor concentração de pessoas em famílias com renda *per capita* maior do que cinco salários mínimos entre os ocupados nas atividades agrícolas. Não há distinções tão significativas ou lineares entre os gêneros.

Gráfico 13



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) (IBGE, 2020b).
 Nota: Faixa de rendimento domiciliar per capita habitual de todos os trabalhos e efetivo de outras fontes, (exclusive o rendimento das pessoas cuja condição na unidade domiciliar era pensionista, empregado doméstico ou parente do empregado doméstico)

5 Saúde

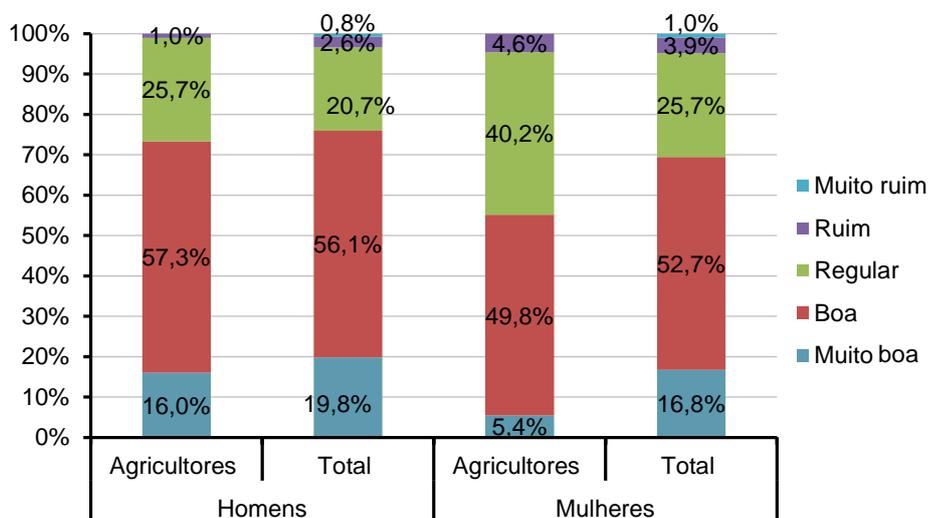
Essa seção analisa os aspectos da vida de homens e mulheres que moram na zona rural do Rio Grande do Sul, cuja profissão está voltada para atividades agrícolas comparativamente aos homens e às mulheres do Rio Grande do Sul como um todo.

5.1 Avaliação geral

O Gráfico 14 aponta a avaliação dos grupos com profissão voltada ao campo, assim como dos gaúchos em geral, em relação à sua própria saúde. Os homens e as mulheres do RS como um todo afirmam ter um estado de saúde em condições muito boas, superior ao observado no grupo de atividades agrícolas, sendo a diferença maior entre as mulheres (16,8% versus 5,4% respectivamente). As mulheres do campo são as que mais afirmam ter sua saúde em condições regulares (40,2%). Parte dessa diferença pode estar ligada ao fato de a população ligada à agricultura ser, em média, mais velha do que a população geral.

Gráfico 14

Avaliação do estado geral de saúde de ocupados, por sexo, nos setores ligados à agricultura e no total do Rio Grande do Sul — 2019



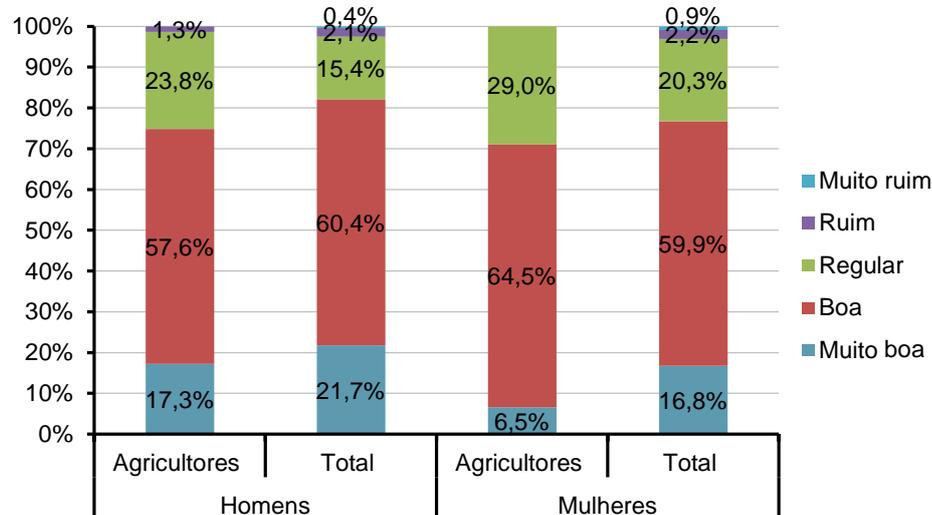
Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

5.2 Saúde mental

Quando a pergunta passa a incluir a saúde mental, o nível de avaliação dos que consideram sua condição como boa e muito boa aumenta em ambos os grupos. Tanto as mulheres ligadas às atividades agrícolas quanto a categoria geral de mulheres apresentam, proporcionalmente aos homens, uma avaliação inferior no que se refere a condição “boa” e “muito boa”.

Gráfico 15

Avaliação de bem-estar físico e mental (não somente a ausência de doenças) de ocupados, por sexo, nos setores ligados à agricultura e no total do Rio Grande do Sul — 2019

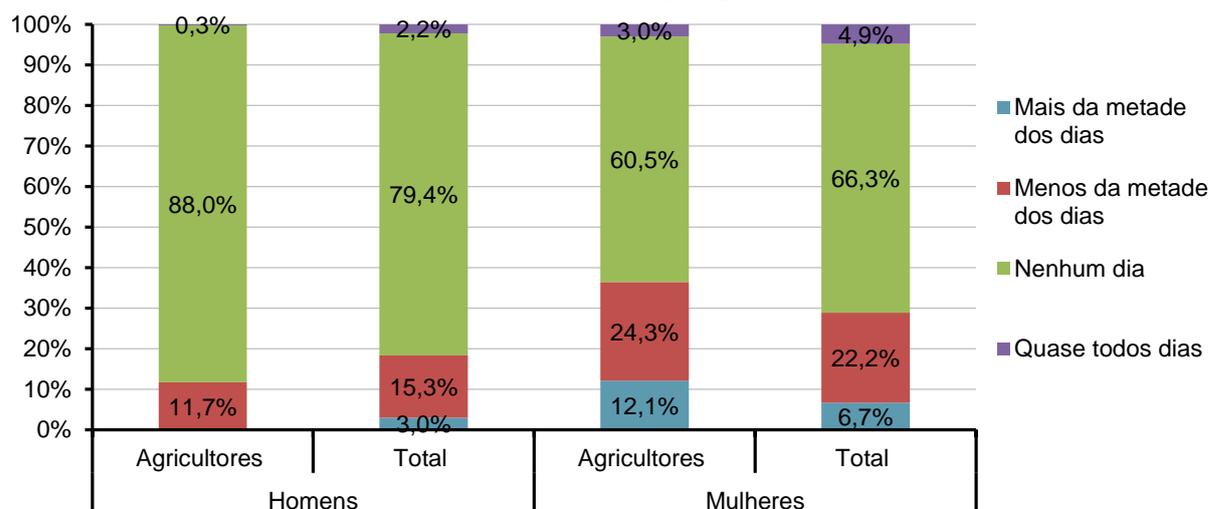


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Em relação à frequência com que a pessoa se sente deprimida, as mulheres com a profissão ligada ao campo foram as que mais responderam “mais da metade dos dias” da semana, como indica o Gráfico 16. Também se observa que as mulheres rurais são as que afirmam em menor frequência que não se sentem deprimidas em “Nenhum dia”. No geral, as mulheres sentem-se mais deprimidas do que os homens.

Gráfico 16

Frequência com que ocupados nos setores ligados à agricultura se sentiram deprimidos(as), “pra baixo” ou sem perspectiva nas duas semanas anteriores, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019

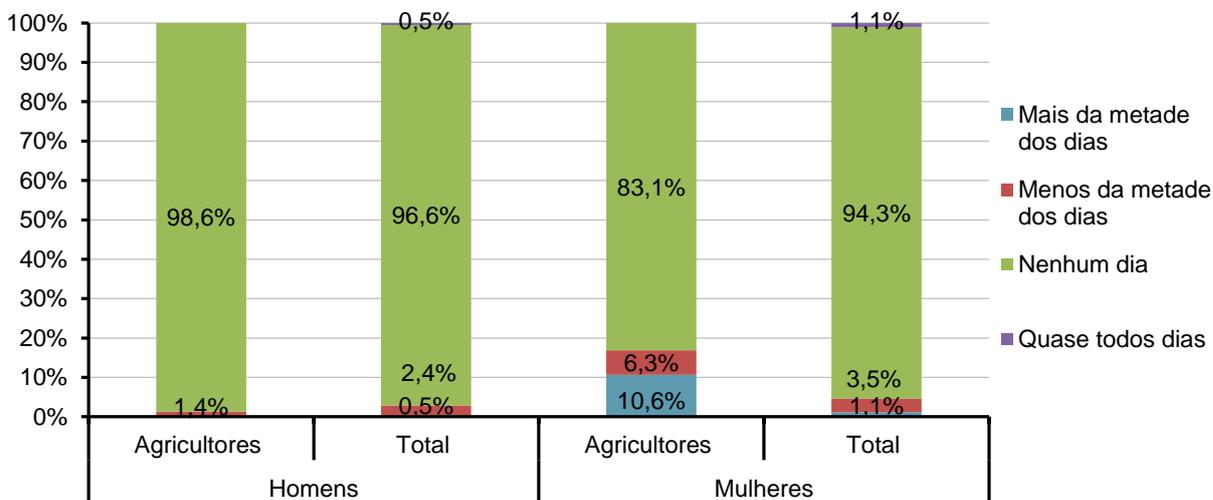


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

No que diz respeito a pensamentos suicidas, eles ocorrem com maior frequência entre as mulheres com ocupações ligadas à agricultura, com 6,3% em menos da metade dos dias da semana, e 10,6% em mais da metade dos dias.

Gráfico 17

Frequência com que ocupados nos setores ligados à agricultura pensaram em se ferir de alguma maneira ou acharam que seria melhor estar mortos nas duas semanas anteriores, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019



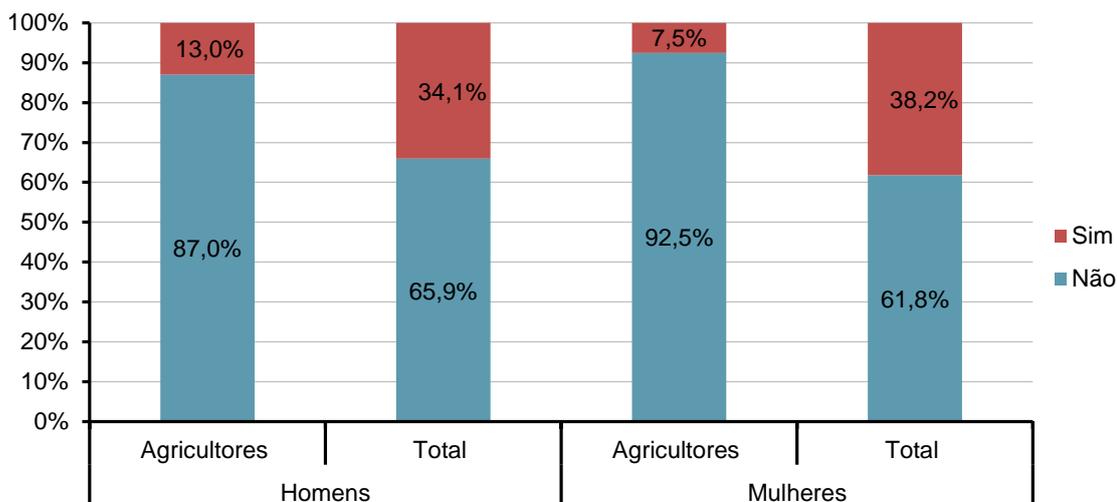
Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

5.3 Acesso a serviços de saúde

Tanto os homens quanto as mulheres de ocupações relacionadas à agricultura possuem menos cobertura de planos de saúde se comparados ao geral do Estado. A diferença entre as mulheres rurais e as do RS como um todo (92,5% versus 61,8%) é maior do que a diferença entre os homens dos dois grupos (87,0% versus 65,9%).

Gráfico 18

Frequência de posse de plano de saúde com médico particular para ocupados nos setores ligados à agricultura, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019



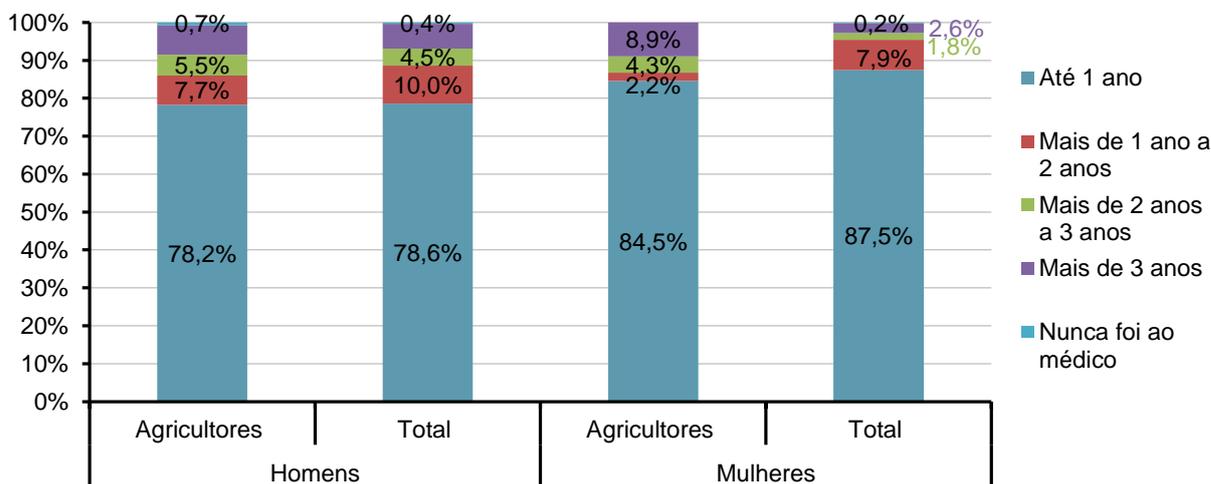
Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Quanto à última vez que consultaram com médico, houve preponderância de respostas na opção até um ano, sendo quase inexistente a diferença entre os dois grupos de homens e um pouco maior entre as mulheres, em desfavor das mulheres

ligadas às atividades agrícolas (84,5% versus 87,5%). Entre as mulheres da zona rural, a resposta “mais de três anos” apresentou percentual maior (8,9%), quando comparado aos homens rurais (7,9%) e às categorias gerais (6,5% e 2,6%).

Gráfico 19

Última vez que um médico foi consultado por ocupados nos setores ligados à agricultura, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019

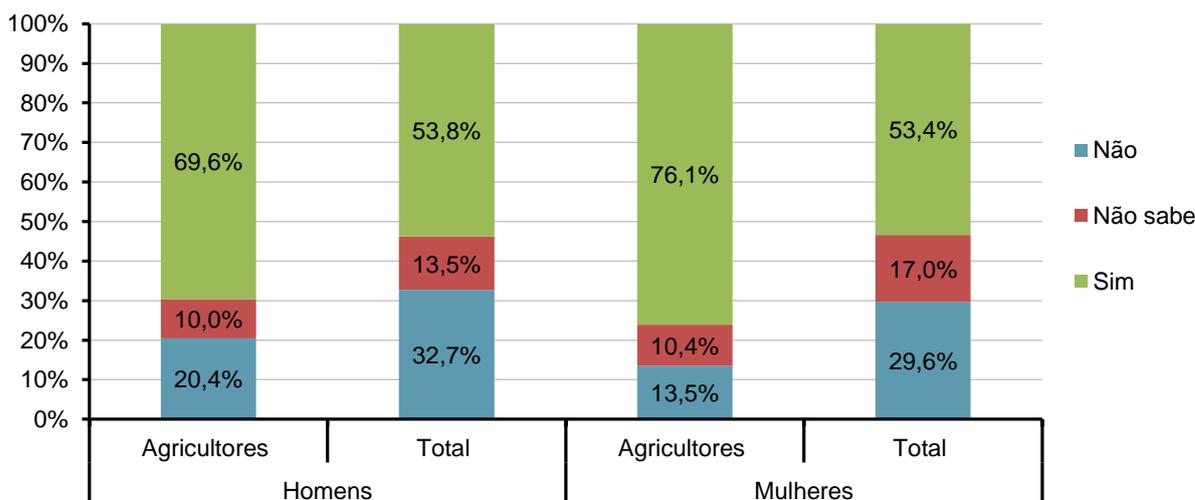


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Os domicílios que apresentam maior registro junto às unidades de saúde familiar são os de mulheres com ocupações rurais (76,1%). Observa-se maior nível de cadastro dos domicílios de pessoas relacionadas às atividades agrícolas, quase 50% superior, quando comparado aos dados gerais do RS.

Gráfico 20

Percentual dos domicílios de ocupados nos setores ligados à agricultura cadastrados na unidade de saúde da família, por sexo, em comparação com o total de domicílios pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019

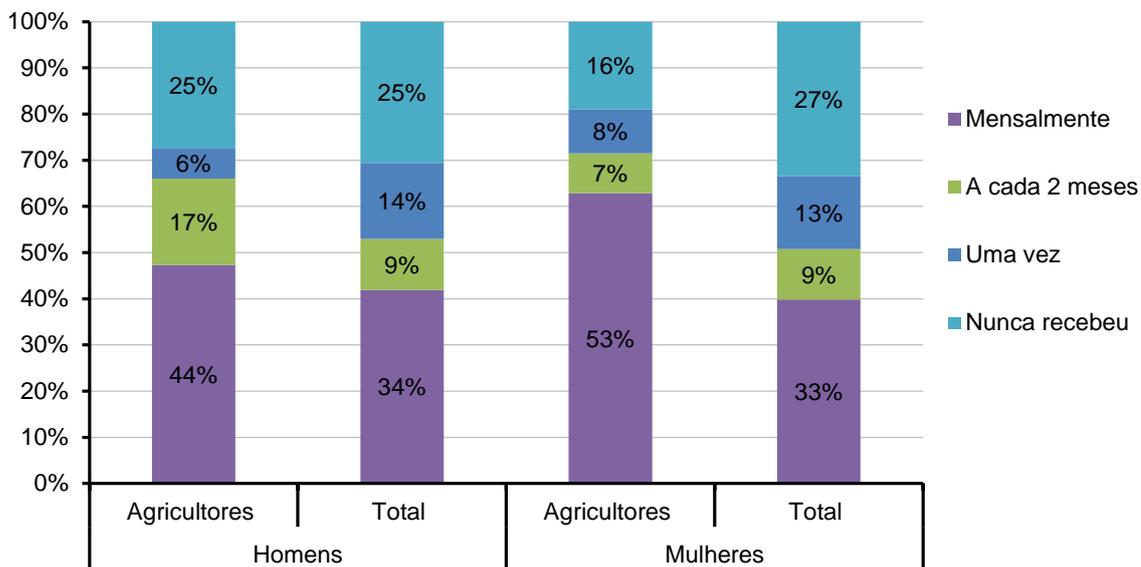


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Novamente, os domicílios das mulheres ligadas às atividades agrícolas são os que recebem mais frequentemente visitas de agentes comunitários ou de membros da Equipe de Saúde da Família, seguidas dos homens do mesmo grupo.

Gráfico 21

Frequência com que os domicílios de ocupados nos setores ligados à agricultura receberam visita de algum agente comunitário ou algum membro da Equipe de Saúde da Família nos últimos 12 meses, por sexo, em comparação com o total de domicílios pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

6 Violência

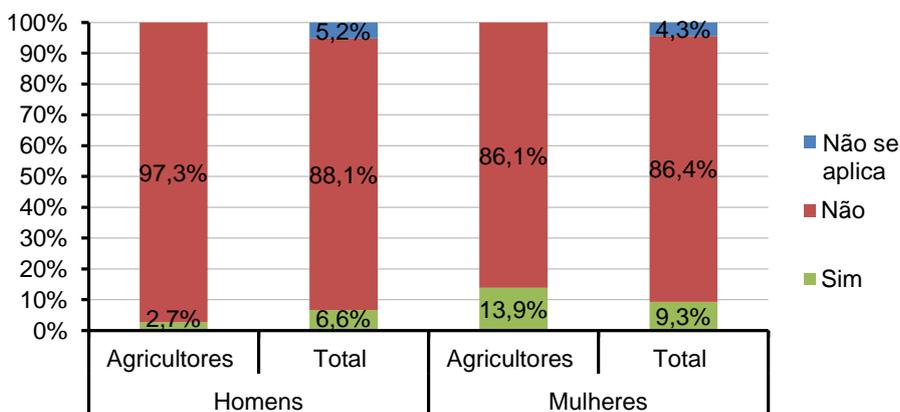
Esta seção realiza as mesmas comparações da seção anterior, também com base nos dados que a PNS, e oferece informações sobre três tipos de violência: física, verbal e sexual.

6.1 Violência verbal

No Gráfico 22, nota-se uma incidência maior de vezes em que mulheres com ocupações agrícolas foram vítimas de violência verbal na frente de outras pessoas (13,9%), em relação aos homens desse grupo (2,7%). A porcentagem também é maior para as mulheres na categoria geral do Rio Grande do Sul (9,3% *versus* 6,6%).

Gráfico 22

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura que foram ofendidos, humilhados ou ridicularizados na frente de outras pessoas, nos últimos 12 meses, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019

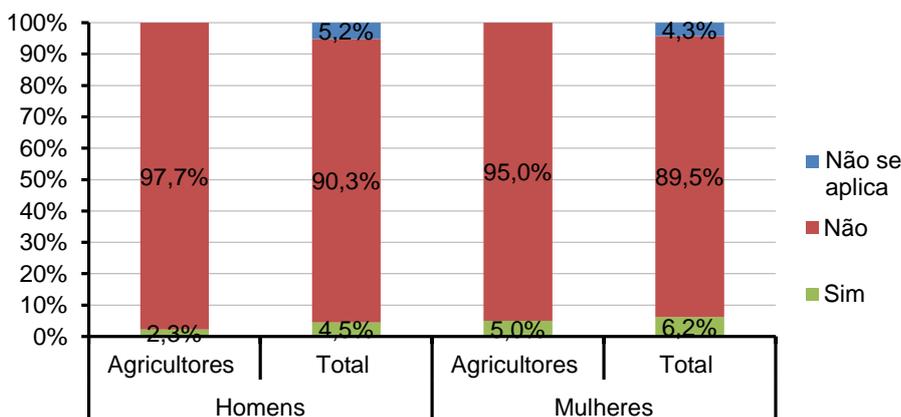


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

No geral, a maioria afirmou que, no último ano, não tinha sido vítima de ameaças. As mulheres da zona rural, quando comparadas com a categoria geral, apresentam uma porcentagem levemente inferior, com 5% que afirmam que sim, contra 6,2%.

Gráfico 23

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura que alguém ameaçou ferir ou machucar ou a alguém importante para sua pessoa, nos últimos 12 meses, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019



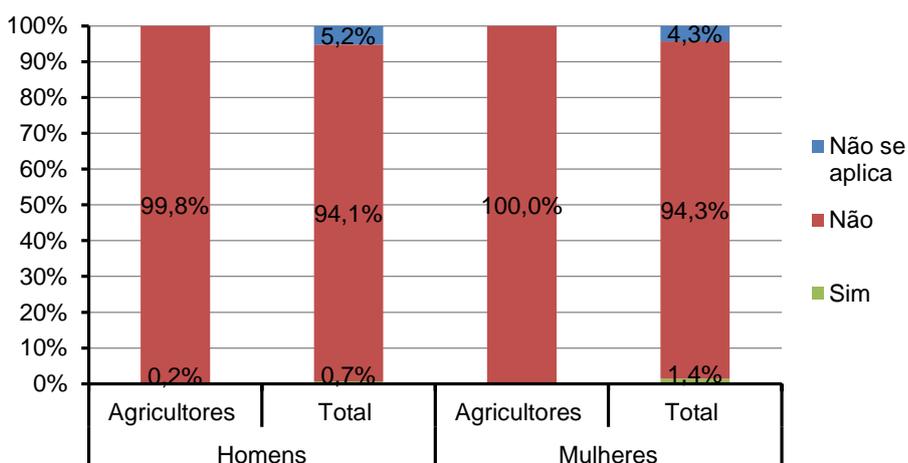
Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

6.2 Violência física

Em relação a agressões como tapa ou bofetada, nenhuma das mulheres com ocupações relacionadas à agricultura afirmou ter sofrido esse tipo de violência no último ano. A porcentagem dos que afirmaram, no âmbito geral, também é muito pequena, ficando em 0,7% nos homens e 1,4% nas mulheres.

Gráfico 24

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura que foi agredido com tapa ou bofetada nos últimos 12 meses, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019

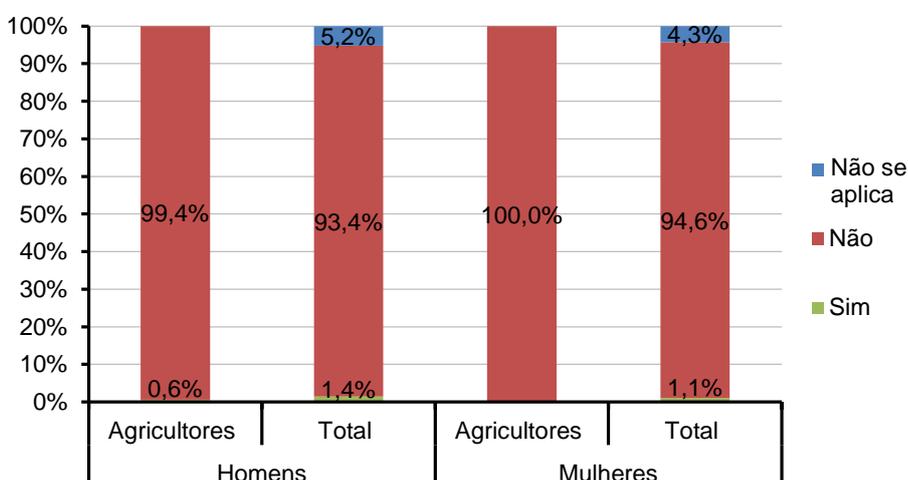


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

O mesmo padrão repete-se no gráfico acima. Nenhuma mulher ligada às ocupações agrícolas respondeu ter sido vítima de ferimento com faca, arma de fogo ou outros objetos no último ano, ao passo que menos de 1% dos homens com ocupação relacionada à agricultura responderam terem sido vítimas desse tipo de agressão.

Gráfico 25

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura que foi ameaçado ou ferido com faca, arma de fogo ou alguma outra arma ou objeto nos últimos 12 meses, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019

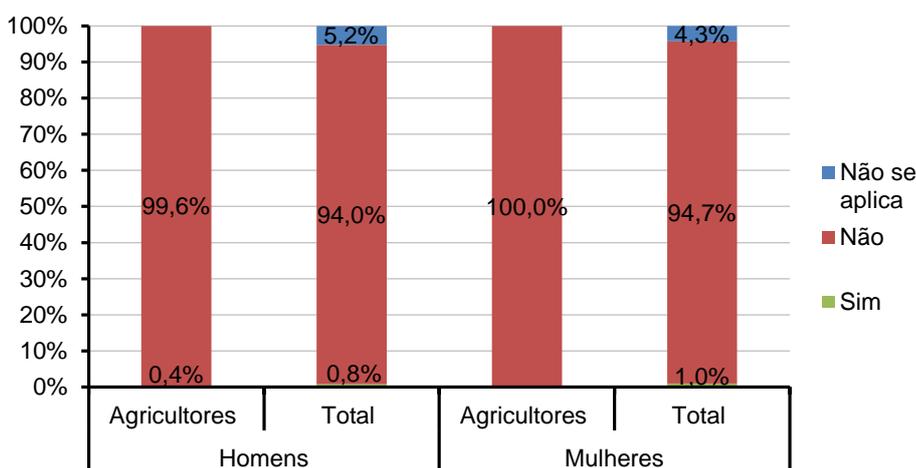


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Esse padrão de respostas também se aplica no Gráfico 26, no qual a agressão física via soco, chute ou arrastão pelos cabelos não foi registrada entre as mulheres cujas atividades estão relacionadas à agricultura.

Gráfico 26

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura que foi agredido com soco, chute ou arrastado pelo cabelo nos últimos 12 meses, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019



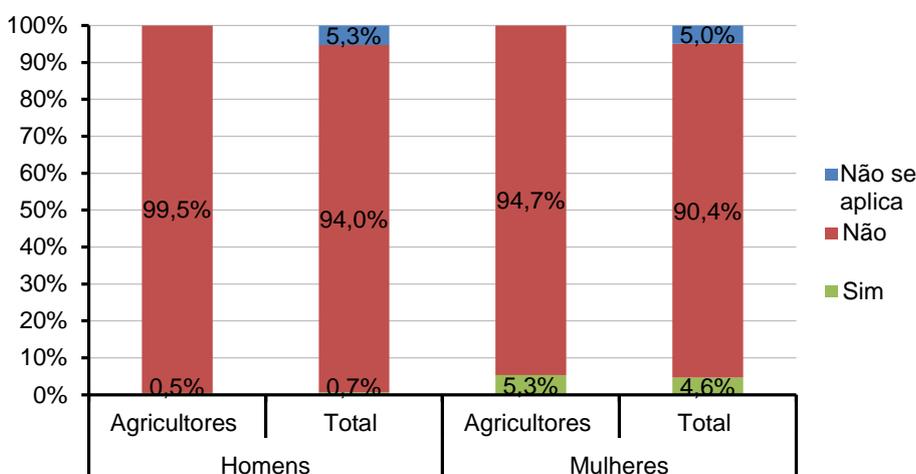
Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

6.3 Violência sexual

No que diz respeito à violência sexual, 5,3% das mulheres com atividades rurais afirmaram que alguma vez na vida tinham sido vítimas de abuso sexual, contra 4,6% da categoria geral do Rio Grande do Sul.

Gráfico 27

Percentual de ocupados nos setores ligados à agricultura que foi ameaçado ou forçado a ter relações sexuais ou quaisquer outros atos sexuais contra sua vontade alguma vez na vida, por sexo, em comparação com o total de pesquisados, no Rio Grande do Sul — 2019



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

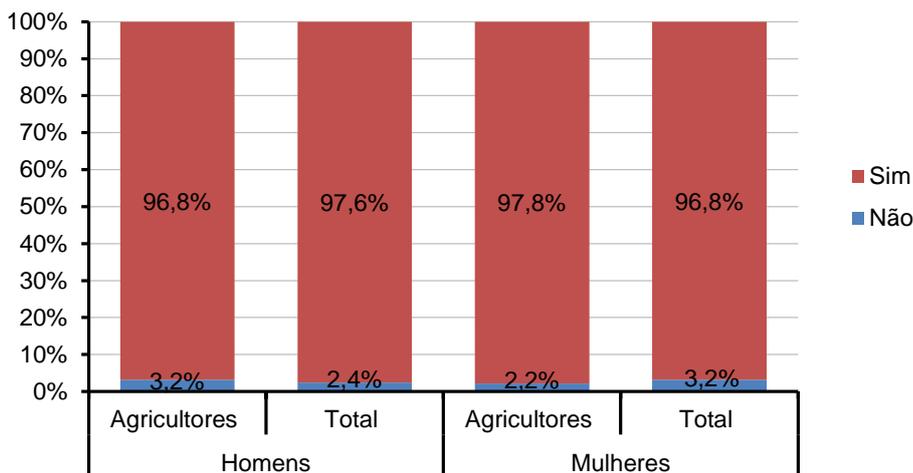
Evidentemente, essas questões são sensíveis, o que pode levar o entrevistado ou a entrevistada, por diversas razões, a negar qualquer violência sofrida.

7 Acesso à tecnologia

O questionário da PNS também pergunta aos moradores se há nos domicílios acesso a telefone celular móvel, computador e *internet*. Como se observa no Gráfico 28, quase a totalidade dos domicílios tem acesso a telefones celulares (de 96,8% a 97,8%).

Gráfico 28

Presença de telefone celular móvel no domicílio de ocupados, por sexo, nos setores ligados à agricultura e no total do Rio Grande do Sul — 2019

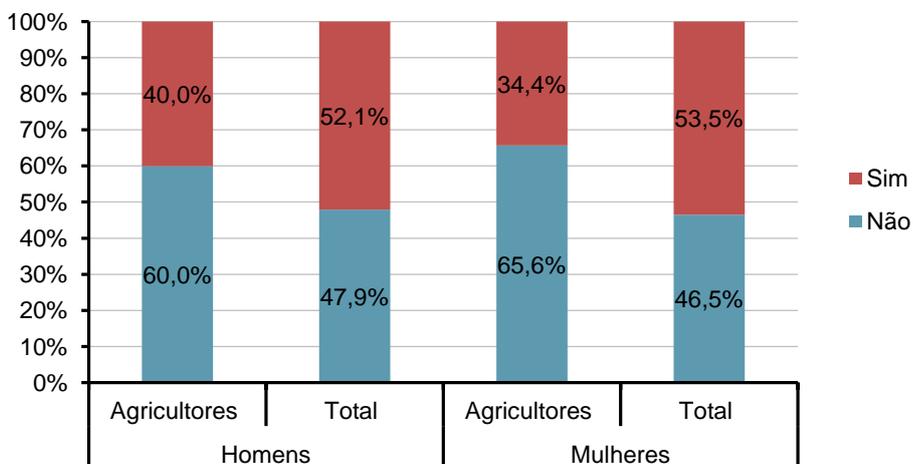


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Quando se analisa a presença de computadores de mesa e/ou portáteis nos domicílios, verifica-se uma porcentagem maior na categoria geral do Rio Grande do Sul, com pouca variação entre gêneros (52,1% e 53,5%). Nas ocupações selecionadas, a presença é mais frequente entre os homens (40%) do que entre as mulheres (34,4%).

Gráfico 29

Presença de computador de mesa e/ou portátil no domicílio de ocupados, por sexo, nos setores ligados à agricultura e no total do Rio Grande do Sul — 2019

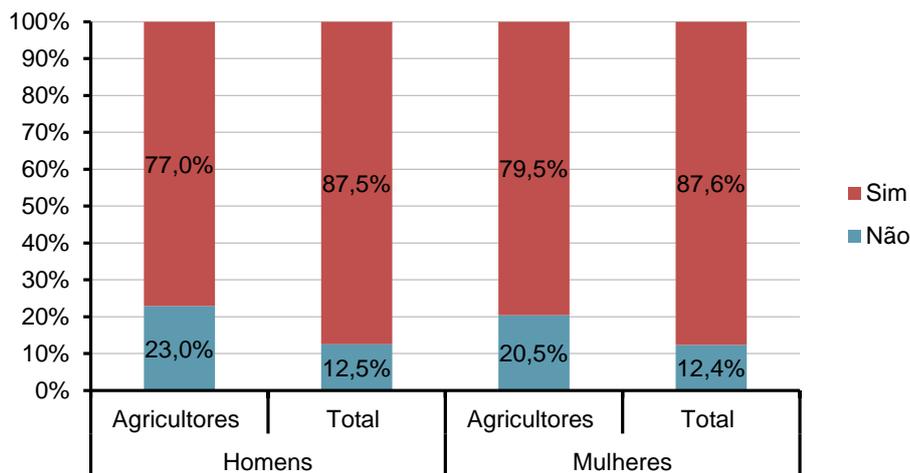


Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

Por fim, o Gráfico 30 apresenta as frequências sobre o acesso à *internet* nos domicílios. Em cerca de 88% dos domicílios da categoria geral do Rio Grande do Sul e, na média, em 78,2% dos domicílios de pessoas com ocupações ligadas à agricultura, há acesso. No entanto, também se constata que a ausência de *internet* é quase o dobro entre os ocupados na agricultura.

Gráfico 30

Presença de acesso à *internet* no domicílio, por meio de computador, *tablet*, telefone celular móvel, televisão ou outro equipamento, de ocupados, por sexo, nos setores ligados à agricultura e no total do Rio Grande do Sul — 2019



Fonte: Pesquisa Nacional de Saúde 2019 (IBGE, 2021).

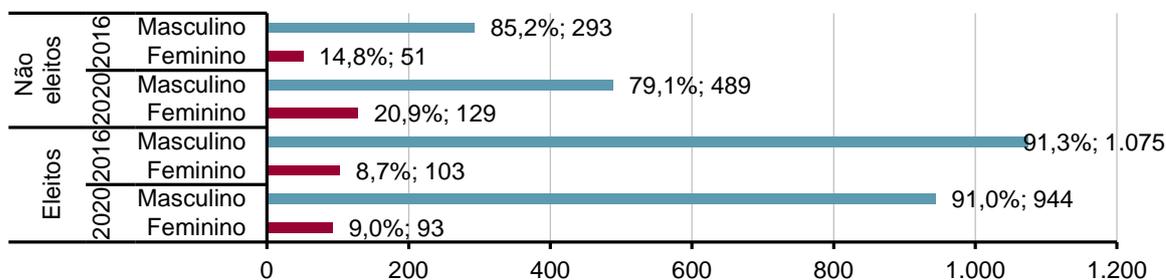
8 Representação política

Em relação a candidatos para os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereador das duas últimas eleições, percebe-se que diminuiu a proporção de agricultores eleitos frente às demais ocupações. Em 2016, eles totalizavam 1.178, ao passo que, em 2020, esse número foi de 1.037 (passando de 20% para 17,6%). Além disso, a proporção de prefeitos e vice-prefeitos eleitos diminuiu, aumentando a de vereadores (de 83% a 85,4%).

A proporção de mulheres agricultoras eleitas teve uma pequena variação positiva (de 8,7% a 9%), entretanto seu número absoluto caiu de 103 para 93 eleitas, como se observa no Gráfico 31.

Gráfico 31

Número e percentual de candidatos agricultores não eleitos e eleitos, por sexo, nas eleições municipais do Rio Grande do Sul — 2016 e 2020



Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (BRASIL, 2021b).

Quanto aos candidatos não eleitos, a proporção de agricultores frente às outras ocupações variou mais levemente, de 8% para 7,8% (passou de 344 para 618, havendo um aumento significativo do número total de candidatos). Como no caso dos eleitos, entre os não eleitos a proporção de prefeitos e vice-prefeitos eleitos diminuiu de maneira ainda mais intensa, aumentando proporcionalmente a de vereadores (de 40,1% para 65,9%). O número e a proporção de agricultoras não eleitas cresceram em relação à 2016. Eram 51 (14,8%) em 2016 e passaram a 129 (20,9%) em 2020, parte em decorrência das regras que determinam maior participação das mulheres entre os candidatos de cada partido.

Porém, entre todas as mulheres agricultoras candidatas em 2016, 66,9% delas foram eleitas (frente a 78,6% dos homens). Em 2020, foi eleito um percentual menor das candidatas: 41,9%, frente a 65,9% dos homens. Embora tenha caído o percentual de sucesso entre agricultores em geral, esse processo ocorreu muito mais fortemente entre as mulheres.

9 Pobreza

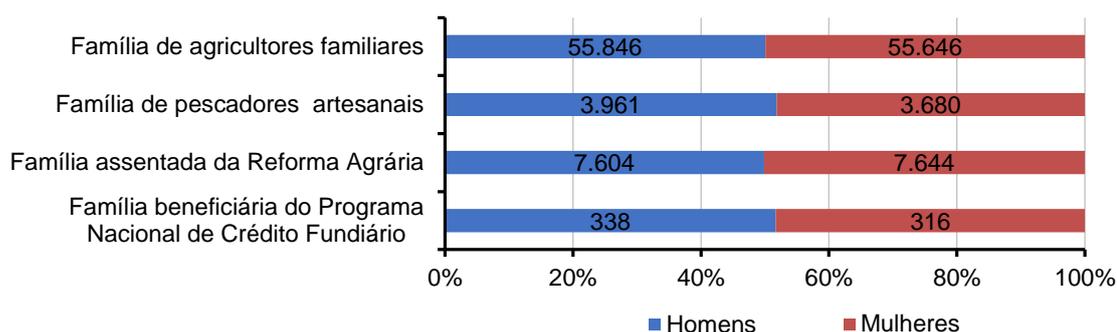
O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal identifica e caracteriza famílias de baixa renda. Desde 2003, o Cadastro Único tornou-se o principal instrumento para a seleção e a inclusão de famílias em programas federais, podendo também ser utilizado pelos demais entes federados. Ele funciona como porta de entrada para acesso a diversas políticas públicas. É usado, obrigatoriamente, para a concessão de Bolsa Família, Tarifa Social de Energia Elétrica, Programa Cisternas - Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e Outras Tecnologias Sociais de Acesso à Água, Programa de Fomento às Atividades Produtivas Rurais, Programa Nacional de Crédito Fundiário, Programa Nacional de Reforma Agrária, Créditos Instalação do Programa Nacional de Reforma Agrária, dentre outros³ (BRASIL, 2020b).

No Cadastro Único como um todo, 57% dos cadastrados são mulheres. Considerando apenas famílias de agricultores familiares, pescadores artesanais, assentadas de reforma agrária, beneficiárias do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF), indígenas e quilombolas residentes em zona rural, tem-se uma concentração diversa de mulheres.

No Gráfico 32, percebe-se que as famílias beneficiárias do PNCF e de pescadores artesanais também têm pequeno predomínio de mulheres (52%), nas demais — entre elas, o grupo com mais pessoas, os agricultores familiares —, homens e mulheres encontram-se na mesma proporção (50%), isto é, trata-se de uma população com proporção maior de homens do que a população total do RS, no qual as mulheres respondem por 51,3% (RIO GRANDE DO SUL, 2021).

Gráfico 32

Número de pessoas cadastradas em programas sociais para famílias de baixa renda, segundo o tipo de situação familiar e o sexo, no Rio Grande do Sul — jun./2021

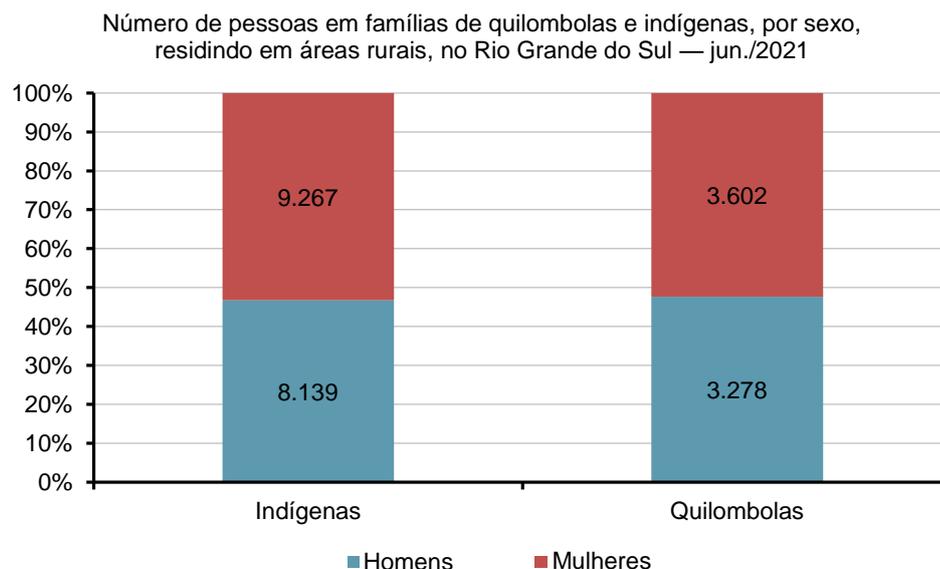


Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

³ Ação de Distribuição de Alimentos (ADA), Benefício de Prestação Continuada (BPC), Programa Minha Casa Minha Vida, Carteira do Idoso, concessão de bolsas por entidades com Certificação de Entidades Beneficentes de Assistência Social com atuação na área da educação (CEBAS-Educação), Facultativo de Baixa Renda, Identidade Jovem (ID Jovem), isenção de taxas de inscrição em concursos públicos, isenções na taxa de inscrição para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Plano Progridir - Programa Nacional do Microcrédito Produtivo Orientado, Programa Criança Feliz, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Sistema de Seleção Unificada - Sisu/Lei de cotas, Telefone Popular - Acesso Individual Classe Especial, Programa de Urbanização de Assentamento Precários, Programa Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa, Projeto Dom Hélder Câmara. (IBGE, 2020a).

Nas famílias indígenas, as mulheres predominam com 53%, ao passo que, nas famílias quilombolas, são 52%. Quase 40% dessas famílias são classificadas como indígena ou quilombola e também como agricultores familiares, de forma que, se somadas as quantidades dos Gráficos 32 e 33, superam-se os 134.288 moradores de domicílios rurais com as características selecionadas (50% de cada sexo, sendo 67.092 homens e 67.196 mulheres), distribuídos em 46.456 famílias, localizadas em 423 municípios do Rio Grande do Sul.

Gráfico 33



Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

9.1 Distribuição etária

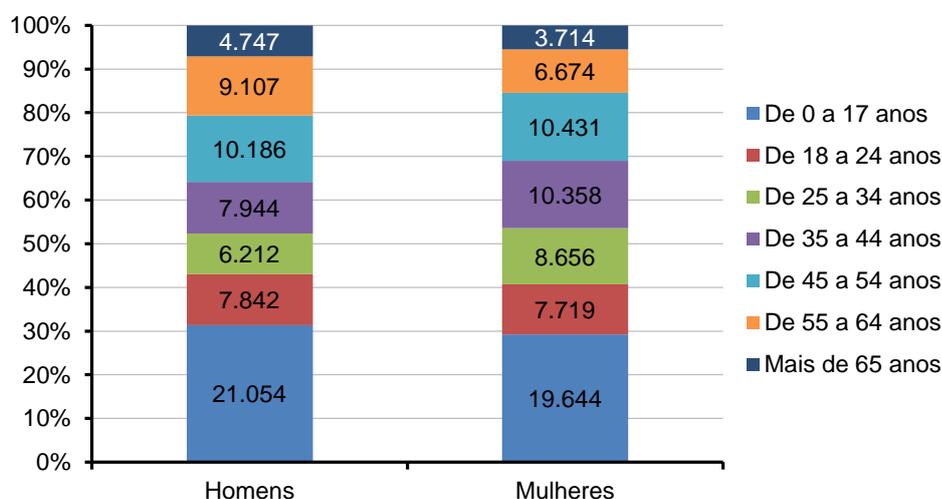
Na população geral do RS, ocorrem mais nascimentos de pessoas do sexo masculino. Os homens são maioria até a faixa etária de 33 anos, quando as mulheres passam a ser a porção mais representativa da população (RIO GRANDE DO SUL, 2020).

Em relação ao recorte realizado do Cadastro Único, as mulheres passam a predominar já na faixa de 25 a 34 anos, o que seria contraintuitivo, já que estudos apontam que jovens do sexo feminino têm mais tendência a migrar da zona rural para a urbana (BANDEIRA; COSTA, 2018). No entanto, as prioridades estabelecidas pelo principal programa que utiliza o CadÚnico para a sua implementação (o Bolsa Família) favorecem as mulheres chefes de família, de maneira que, no Cadastro Único, em geral, também há maior concentração de mulheres na faixa de 25 a 54 anos.

A situação para esse público específico inverte-se a partir dos 55 anos, quando os homens começam a predominar, o que não acontece com a população geral do Rio Grande do Sul, mas acontece com a população de ocupações relacionadas à agricultura a partir dos 65 anos.

Gráfico 34

Distribuição de integrantes de famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por faixa etária e sexo, no Rio Grande do Sul — jun./2021



Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

Há bem mais famílias unipessoais masculinas do que femininas (4.024 *versus* 2.458), mostrando que os homens permanecem mais na área rural do que as mulheres quando estão sozinhos. Enquanto, na faixa de 55 a 64 anos, há entre 546 e 580 famílias unipessoais de homens, no caso das mulheres há entre 306 e 330 famílias. Isso explica, em parte, a diferença.

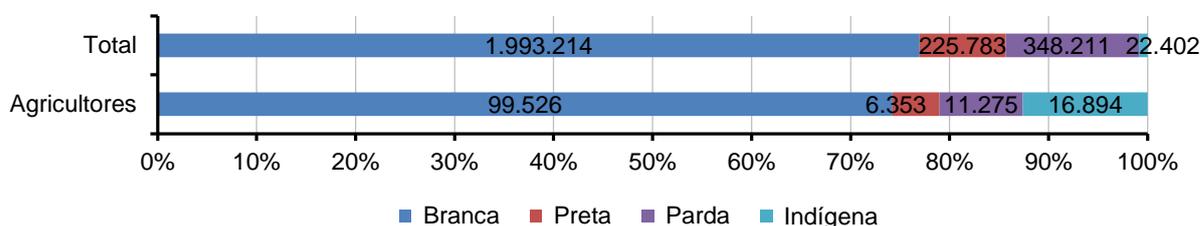
Além disso, os homens conseguem mais facilmente aposentadoria rural. Quando as mulheres têm dificuldades com documentos comprobatórios, por exemplo, a saída mais simples costuma ser o Benefício de Prestação Continuada (JORGE; BRANDÃO, 2012). Esse, no entanto, seria mais um incentivo para haver mais mulheres idosas registradas no CadÚnico do que homens idosos.

9.2 Distribuição por raça/cor

A própria seleção realizada das famílias relacionadas com a agricultura, que contempla indígenas e quilombolas residentes em áreas rurais, assim como agricultores familiares, pescadores artesanais e assentados da Reforma Agrária, faz com que haja maior proporção de indígenas em relação ao CadÚnico como um todo, assim como menor proporção de todas as outras raças, sendo maior a diferença entre pretos e pardos (4,7% e 8,4% *versus* 8,7% e 13,4%), do que de brancos (74,1% *versus* 76,8%).

Gráfico 35

Percentual e número de integrantes do total de famílias e das famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por raça, no Rio Grande do Sul — jun./2021

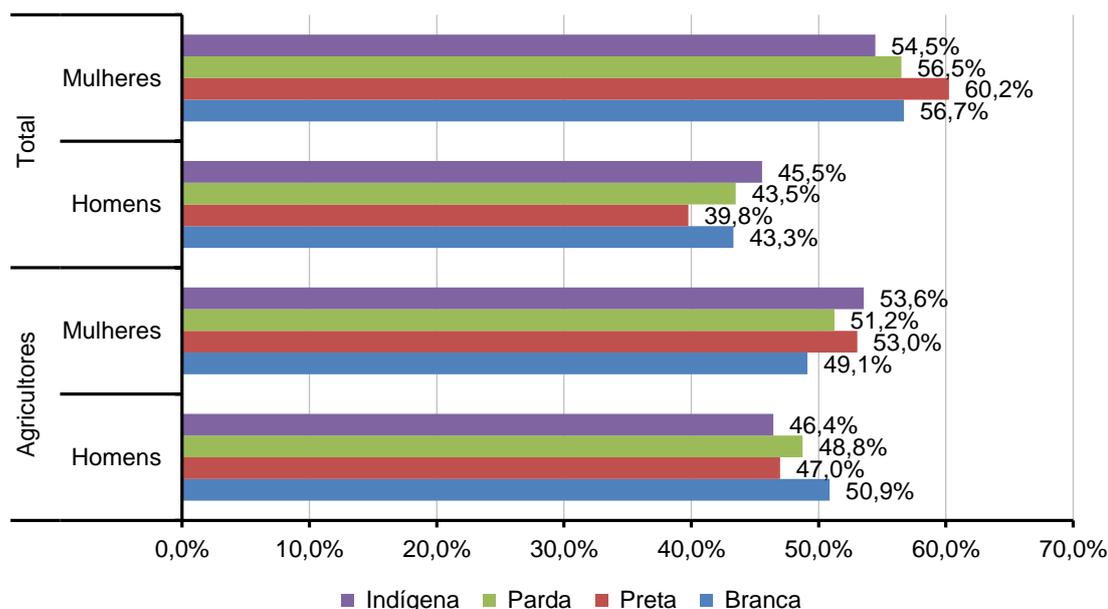


Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

Entre aquelas famílias ligadas à vida rural, a raça que tem o maior equilíbrio entre os gêneros é a branca, seguida da parda, da preta e, por fim, da indígena. No Cadastro Único como um todo, ao contrário, a raça que tem menor desigualdade de gênero é a indígena, seguida da parda, da branca e, por fim, da preta.

Gráfico 36

Percentual de integrantes do total de famílias e das famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por raça e sexo, no Rio Grande do Sul — jun./2021



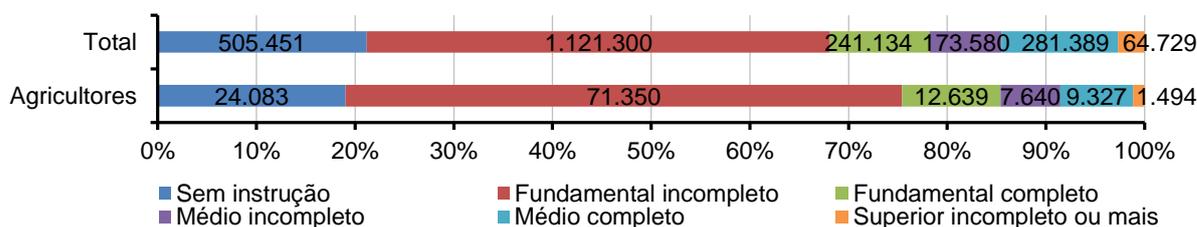
Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

9.3 Distribuição por escolaridade

O grau de instrução das famílias relacionadas com a agricultura é, em geral, baixo, concentrando-se em sem instrução (17,9%) ou ensino fundamental incompleto (53,25%), ainda mais do que no total do Cadastro Único (19,5% e 43,2%), como pode ser ver no Gráfico 37. Em termos de fundamental completo, a proporção é quase a mesma: 9,4% e 9,3%. Depois desse grau de instrução, os integrantes de famílias ligadas à agricultura têm sempre menor concentração em relação ao total: médio incompleto (5,7% versus 6,7%), médio completo (6,9% versus 10,8%) e superior incompleto ou mais (1,1% versus 2,5%).

Gráfico 37

Percentual de integrantes do total de famílias e das famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por escolaridade, no Rio Grande do Sul — jun./2021

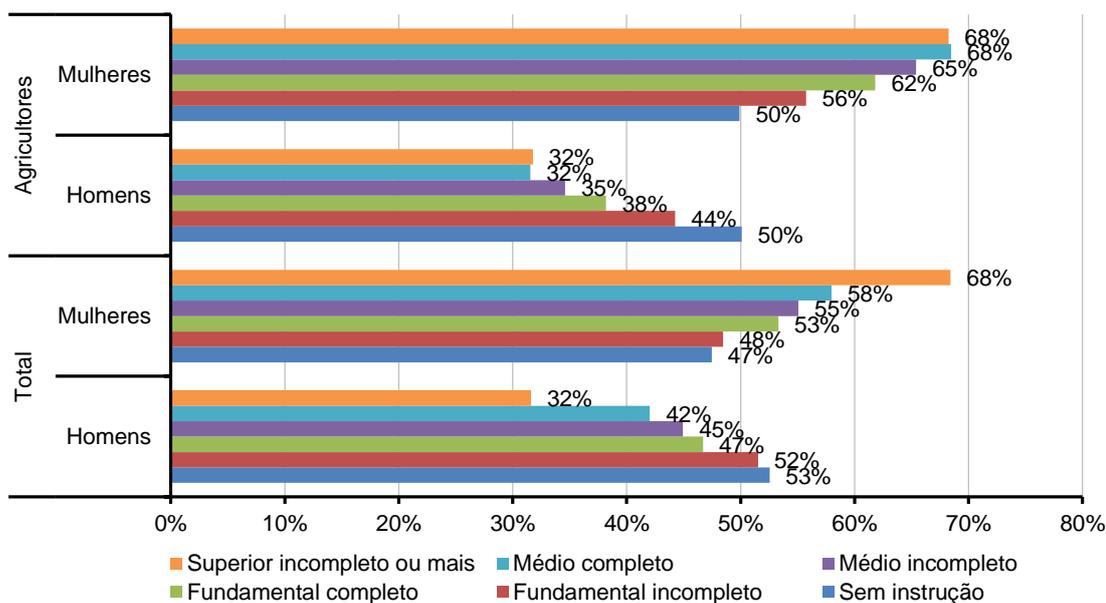


Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

As mulheres ligadas à agricultura são mais escolarizadas do que os homens (Gráfico 38), tal qual observado nos dados dessa população como um todo, não apenas daqueles mais vulneráveis. A diferença entre os gêneros aumenta a cada um dos graus posteriores de instrução e é mais importante no caso das famílias com ocupações agrícolas, à exceção de ensino superior ou mais, quando as proporções são muito semelhantes.

Gráfico 38

Percentual de integrantes do total de famílias e das famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por escolaridade e sexo, no Rio Grande do Sul — jun./2021



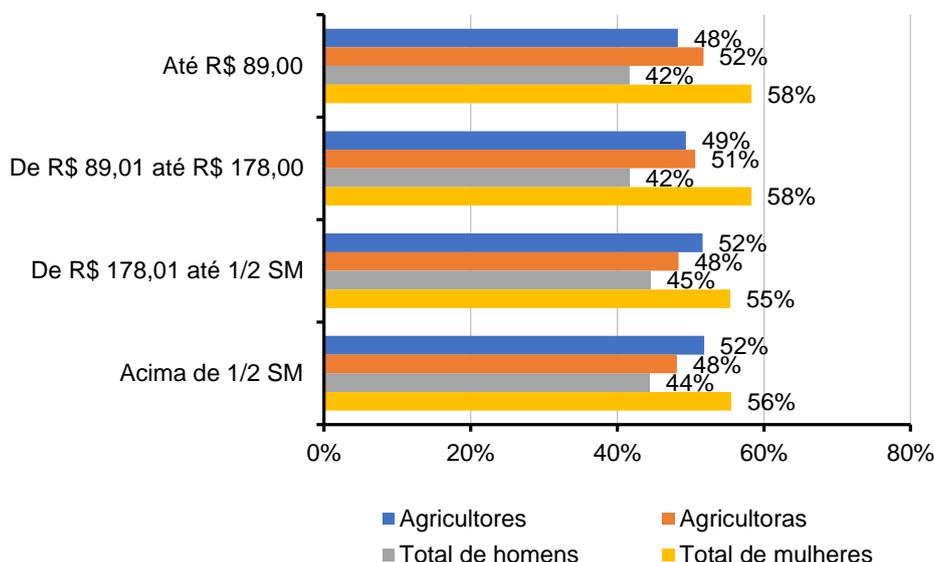
Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

9.4 Distribuição por faixa de renda

O CadÚnico divide seus cadastrados em quatro faixas de renda: (a) extremamente pobres (renda *per capita* de até R\$ 89,00 por mês); (b) pobres (renda *per capita* de até R\$ 178,00); (c) faixa de R\$ 178,01 a meio salário mínimo (SM) *per capita*; e (c) acima de meio salário mínimo (famílias com renda total de até três salários mínimos ou acima, via inclusão de programa específico), onde se encontram os beneficiários ou os inscritos para benefícios como o Minha Casa Minha Vida.

Gráfico 39

Percentual de integrantes do total de famílias e das famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por faixa de renda e sexo, no Rio Grande do Sul — jun./2021



Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

No Cadastro Único como um todo e entre o público selecionado, há maior concentração de mulheres entre as extremamente pobres e pobres (58% *versus* cerca de 55% e cerca de 52% *versus* 48% respectivamente).

9.5 Beneficiários do Bolsa Família

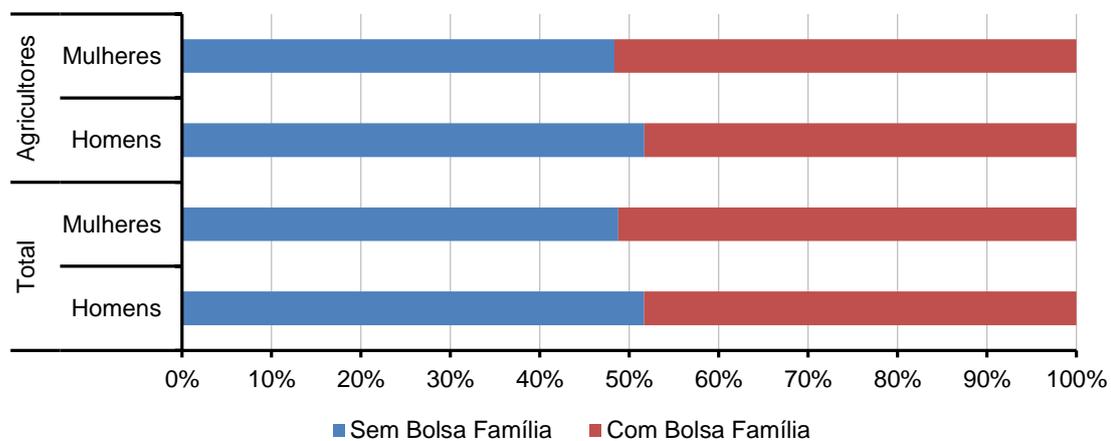
Para acesso ao benefício básico, a família precisa estar enquadrada como extremamente pobre. Entretanto, há também benefícios variáveis para essas famílias e para as famílias enquadradas como pobres, destinados a crianças e adolescentes, gestantes, nutrizes e jovens (variando entre R\$ 41,00 e R\$ 48,00, o último limitado a dois por família). Além disso, se mesmo somados os benefícios anteriores não houver superação da extrema pobreza, há um complemento calculado individualmente para cada família (BRASIL, 2020a).

Há mais contemplados pelo Bolsa Família nessas famílias específicas do que no Cadastro Único em geral (53,7% *versus* 44,7%).

As mulheres com ocupações relacionadas à agricultura são 51,6% dos beneficiários, representando 58,5% no total do CadÚnico, isto porque há maior proporção de mulheres no Cadastro Único em geral.

Gráfico 40

Percentual de integrantes do total de famílias e das famílias relacionadas à agricultura registrados no Cadastro Único, por Bolsa Família e sexo, no Rio Grande do Sul — jun./2021



Fonte: Cadastro Único (BRASIL, 2021a).

Referências

BANDEIRA, Silvana de Matos; COSTA, Maria Regina Caetano. Migração feminina do meio rural: um estudo de caso no município de Canguçu/RS. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 12, n. 28, p. 90-111, jan./abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Cidadania. [**Bolsa Família**] - O que é. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2020a. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia/o-que-e>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania. [**Cadastro Único**] - O que é e para que serve. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2020b. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/cadastro-unico/o-que-e-e-para-que-serve-1>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Tabulador do Cadastro Único: CECAD 2.0**. Brasília, DF: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2021a. Disponível em: https://cecad.cidadania.gov.br/tab_cad.php. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Estatísticas eleitorais**. [Brasília, DF]: TSE, 2021b. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais>. Acesso em: 1 set 2021.

IBGE. **Censo agropecuário**. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6775>. Acesso em: 18 ago. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde - 2019**: microdados. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/downloads-estatisticas.html?caminho=PNS/2019/Microdados/Dados>. Acesso em: 10 set. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**: trabalho infantil de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade 2016-2019. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2020a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/17270-pnad-continua.html?edicao=29652&t=publicacoes>. Acesso em: 19 ago. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua Anual**: Microdados. [Rio de Janeiro]: IBGE, 2020b. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Microdados/Visita/. Acesso em: 10 set. 2021.

JORGE, Amanda Lacerda; BRANDÃO, André Augusto Pereira. Androcentrismo institucional e a aposentadoria rural entre mulheres quilombolas da comunidade de Agreste – MG. **Revista Árthemis**, v. 13, n. 1, p.161-173, jan./jul. 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **População**. Porto Alegre: DEE, [2020]. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/populacao>. Acesso em: 3 set. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **Com menos nascimentos e alta de óbitos, RS tem em 2020 menor taxa de crescimento vegetativo da série histórica**. Porto Alegre: SPGG/DEE, 2021. Disponível em: https://dee.rs.gov.br/com-menos-nascimentos-e-alta-de-obitos-rs-tem-em-2020-menor-taxa-de-crescimento-vegetativo-da-serie-historica?fbclid=IwAR00Gw-R4yXe_5EQBYTTvicBfZRV51NWM2vI2xuYKXEWdi3XyJG9RyOuB2I. Acesso em: 03 set 2021.



NOVAS FAÇANHAS

NO PLANEJAMENTO,
GOVERNANÇA E GESTÃO

planejamento.rs.gov.br